

## A inteligência resolve, o sectarismo e a ignorância complicam e agravam

Há dias, uma comissão dos operários manipuladores de pão procurou o actual governador civil a fim de com ele tratar de determinado assunto. Durante a conferência, como os comissionados lhe fizessem sentir a conveniência de se respeitar as oito horas de trabalho, aquela autoridade apressou-se logo a dizer, num tom um pouco irritado, que era «preciso trabalhar muito».

Não sabemos nós se o sr. governador civil queria dizer, com a sua resposta brusca, que seria necessário dar trabalho aos milhares de braços inactivos que o reclamam, nesta hora de crise (trabalhar muito), se desejava ver os que ainda têm onde empregar a sua actividade mais sobrecarregados de labor (trabalhar muito). Ou dando que fazer a quem o pede, ou obrigando a maiores fadigas os que trabalham — sempre seria «trabalhar muito». Simplesmente, o proveito não seria o mesmo — e o critério de justiça variaria. Dando trabalho a quem não o tem cumprir-se o tom imperativo da frase do sr. governador civil de uma maneira justa. Forçando os que já trabalham a trabalhar mais, não só não se obteriam maiores rendimentos, como iniquamente se forçariam criaturas que cumprim o seu dever a atentar contra os seus direitos, contra os direitos dos que pedem trabalho e não o têm, e contra a própria saúde.

Ora, parece-nos — e se assim é lamentamo-lo — que o actual governador civil vê estas questões sociais e de trabalho pelo prisma estreito que é o germe de todas as revoltas e a fonte das maiores injustiças.

Se os homens da actual situação veem, como os do partido democrático, animados de ideias estreitas que não lhes permitem ver com largura que existe uma questão social em todo o mundo que é preciso resolver melhor com a inteligência do que com a violência, auguramos mal o futuro desta situação. Se é, encerrados no seu critério de casta dominante, que os actuais governantes querem resolver as questões morais e materiais pendentes, não contem com a mais leve simpatia da classe operária.

Ha questões materiais, como a crise de trabalho, tão complexas e delicadas que para solucioná-las de maneira satisfatória seria mister muito boa vontade, boa fé, competência e inteligência. «É necessário trabalhar! O país precisa de produção! Os operários têm de trabalhar mais horas!» — são frases que soam bem nas tribunas, mas que nada resolvem, antes tudo embrulham e atrapalham. A crise de trabalho não se modifica num ápice após os discursos d'este género.

Ha questões morais, como a dos deportados, por exemplo, que mais se agravam com o palavrão sonoro dos conservadores e dos democráticos que, por muito alto que soe, não as coloca no campo da justiça.

A questão dos deportados só pode encaminhar-se para uma solução digna, desde que seja dada ordem do seu imediato regresso à metrópole, desde que para elas não se abram revoltantes exceções de tirania, desde que não se olvide que elas possuem direitos, como homens e como cidadãos a respeitar.

Não sabemos, por enquanto, de que maneira pensa o actual governo acerca destes problemas que são fundamentais para o prestígio da ideia de justiça e para o progresso material deste povo que precisa realmente de trabalhar, mas humanamente, mas de forma que esse trabalho seja distribuído equitativamente por todos e que todos dele aproveitem.

Vai a Confederação Geral do Trabalho apresentar algumas reclamações. Pô-las-há com larguezas de vistas, com correção perante o governo. Depois saberemos, conforme elas forem acolhidas, de que massas são feitos os novos governantes. Porque as palavras e as promessas arremessadas no calor da vitória são quase sempre vãs e leva-as o vento...

## A CRISE NO ALGARVE

### Os prestatistas de Olhão, escudados numa criminosa impunidade, estão realizando uma grande agiotagem sobre os miseráveis

Do nosso enviado especial ao Algarve

OLHÃO.—Focados que foram alguns aspectos da fome em Olhão reservámos para esta crónica a nossa análise à forma como é exercida a agiotagem nesta vila mártir, onde a alegria e a felicidade foram proscritas há um ano.

Em Olhão, como já foi dito, quando a população conseguiu a ser vergastada pela fome lançou-se mão de um recurso para se fugir aos seus duros golpes: o prestatista.

Vai a Confederação Geral do Trabalho apresentar algumas reclamações. Pô-las-há com larguezas de vistas, com correção perante o governo. Depois saberemos, conforme elas forem acolhidas, de que massas são feitos os novos governantes. Porque as palavras e as promessas arremessadas no calor da vitória são quase sempre vãs e leva-as o vento...

Nesse sentido dirigiu-se ao prestatista com a importância necessária para desenhar o seu objecto.

Quere o leitor saber o que lhe respondei o prestatista? Apenas isto:

— Tem que pagar vinte escudos de juro!!

O roubado protestou. Podia lá ser? Uma peça de roupa pagar em duas horas 20\$00 de juro quando em igual importância elas estavam penhoradas?

De nada lhe valeram os protestos. O prestatista, inexorável como sempre, não cedeu. E o desgraçado pagou os 20\$00, ou seja 10\$00 por cada hora.

Agora vejamos quanto ganharia um bandido destes, tomado por base o juro a 10\$00 a hora.

Ganharia em 24 horas, 240\$00; em 30 dias, 7.200\$00; e em 365 dias a bagatela de 86.400\$00!!

Leitor: muito à puridade, sem o sr. Ferreira do Amaral nos ouvir: o que preciseiava um miserável destes que exige em 24 horas um juro de 240\$00 sobre um empréstimo de 20\$00? Temos a certeza que o próprio comandante da polícia sabe o que é preciso...

Este desenfreada roubalheira é conhecida em toda a vila. A cada prestatista que se lhes depara a população responde:

— Lá vai um Cirineu...

Há apenas aqui uma injustiça que convém referir. Cirineu foi sempre mais leal e mais humano do que os penhoristas de Olhão.

Cirineu roubava apenas a quem tinha. Os prestatistas de Olhão roubam apenas aos desgraçados que nada possuem, roubam apenas os tristes farrapos das vítimas da crise de trabalho.

Um destes desgraçados accorridos pela fome recorreu ao penhorista para lhe emprestar sobre o penhor de uma capa alentejana determinada importância. O penhorista examinou devidamente a peça, franziu o sobrecravado, e depois exclamou:

— Vale apenas 20 escudos!

A necessidade do impenetrante era tal que teve que se conformar com a oferta.

— Que sim, que estava bem — retorquiu o dono da capa alentejana.

Entregue daquela importância saiu e correu céler para os seus afazeres.

Porém nesse dia a sorte tocou-lhe pela porta e duas horas depois o dono da capa alentejana estava em condições de a desempenhar.

Esta ou outra qualquer medida tem de ser adotada. A população não pode estar à mercê destes João Brandão que a roubam desdenhadamente e lhes insultam a sua miséria!

# A BATALHA

## O PROLETARIADO PERANTE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

### O comício de ontem assistido de muitos milhares de pessoas foi uma explêndida afirmação da consciência operária

Muitos milhares de pessoas, na sua grande maioria da classe operária, acorreram ontem ao comício promovido pelo Comité de Defesa Proletária. A concorrência, pode dizer-se, sem exagero, que foi extraordinária e ela provou bem que o povo de Lisboa nutre um amor intenso pela liberdade e dela não está disposto, ainda com risco da vida, a abdicar. O Par-

política, civil ou militar, com que se apresentaram.

Virgílio de Sousa fez um caloroso apelo aos soldados presentes a fim de que estes, sempre que pretendam arrastá-los para uma tentativa de implantação da monarquia ou de ditadura, se lembrem de que sob a sua farda deve pulsar o coração dum trabalhador, dum filho do povo.

Aleixo de Oliveira, em nome da Câmara Sindical do Trabalho, fez um caloroso apelo ao proletariado para que este se prepare para resistir a qualquer ameaça ditatorial.

Por último falou José Tavares dos Santos, em nome do Comité de Defesa Proletária, e após várias considerações sobre o

tugue, representa de facto a reacção mais feroz aculada pelas oligarquias da alta finança da indústria, do comércio e da agricultura, das chamadas forças vivas, que mais que quaisquer outros elementos burgueses têm sugado criminosa e populaçao do país;

Considerando que se procura esmagar politicamente os trabalhadores para lhes impor mais duras condições de trabalho e de vida, por meio da baixa de salários, do aumento das horas de trabalho e da perda de outras conquistas operárias, ameaças constantes dos exploradores do povo, que apoiam e incitam a fúria dos triunfadores de agora contra as suas vítimas;

Os trabalhadores de todas as tendências sociais, formando a frente única proletária, reunidos em comício público nesta hora grave em que a reacção monárquica se prepara para estrangular com a república as escassas liberdades que nos restam, recordam os que perderam a sua vida e vertiram o seu sangue, pela conquista de melhores dias para o povo, em 5 de Outubro, em Monsanto e no Norte contra a Trautânia; e resolvem:

Protestar contra a obra ruínosa e tirânica que todos os partidos burgueses, compostos por civis e por militares, têm vindo realizando, sacrificando os que trabalham a favor das camilhias políticas e dos ricos potestados.

Protestar com todo o desassombro contra um maior agravamento de tiranía política e económica, que ameaçadoramente pesa sobre o proletariado, a única classe que não tem responsabilidade na ruína do país, única que tem toda a autoridade para bradar aos ladrões e tiranos do povo: Basta!

Abaixo a reacção militarista!

Viva a unidade operária!

Na mesa foram lidos ofícios de adesão ao comício do Sindicato Único Metalúrgico, da Federação das Juventudes Sindicalistas e do seu Núcleo em Lisboa e do Partido Comunista.

Foi lida também uma carta dos presos do Forte de Monsanto protestando contra a proibição de visita diária das pessoas de família aos presos sociais e afirmando a sua solidariedade com as resoluções que sejam tomadas no comício.

Junto ao local do comício havia, flutuando, uma bandeira do Sindicato Único da Construção Civil.

A autoridade encontrava-se representada por um comissário de polícia. Apesar da presença da polícia e da G. N. R. o co-



O delegado da C. G. T. discursando

que Eduardo VII oferecia um aspecto impressionante. Nota curiosa e significativa: entre a assistência encontravam-se mais de duas centenas de soldados. Cercas das 18 horas abriu o comício, sob a presidência de Alberto Monteiro, secretariado por António Pinto dos Santos e José dos Santos Cadete, todos do Comité de Defesa Proletária.

O presidente expôs em rápidas palavras o objectivo do comício, fazendo notar a circunstância dos poderes republicanos terem sido hostis às classes trabalhadoras.

Atacou as ditaduras, afirmando serem elas contrárias ao espírito do povo português.

Manuel Joaquim de Sousa, da C. G. T., criticou largamente a obra realizada pelos governos anteriores ao movimento revolucionário, demonstrando que ela cifrou-se em obstinadas perseguições às classes trabalhadoras e constituiu uma larga série de escândalos e de esbanjamentos que preparou o ambiente que derrubou António Maria da Silva. Analisando o actual governo manifesta o seu receio de que este enverede pelo caminho de arbitrio e de violências que conduz a uma ditadura férrea.

O sindicalismo orgânico que ultimamente se proclamou é inaceitável, por constituir uma afronta às classes trabalhadoras, visto ser um instrumento propício ao jugulamento dos explorados pelos seus exploradores e pelo governo que os representa.

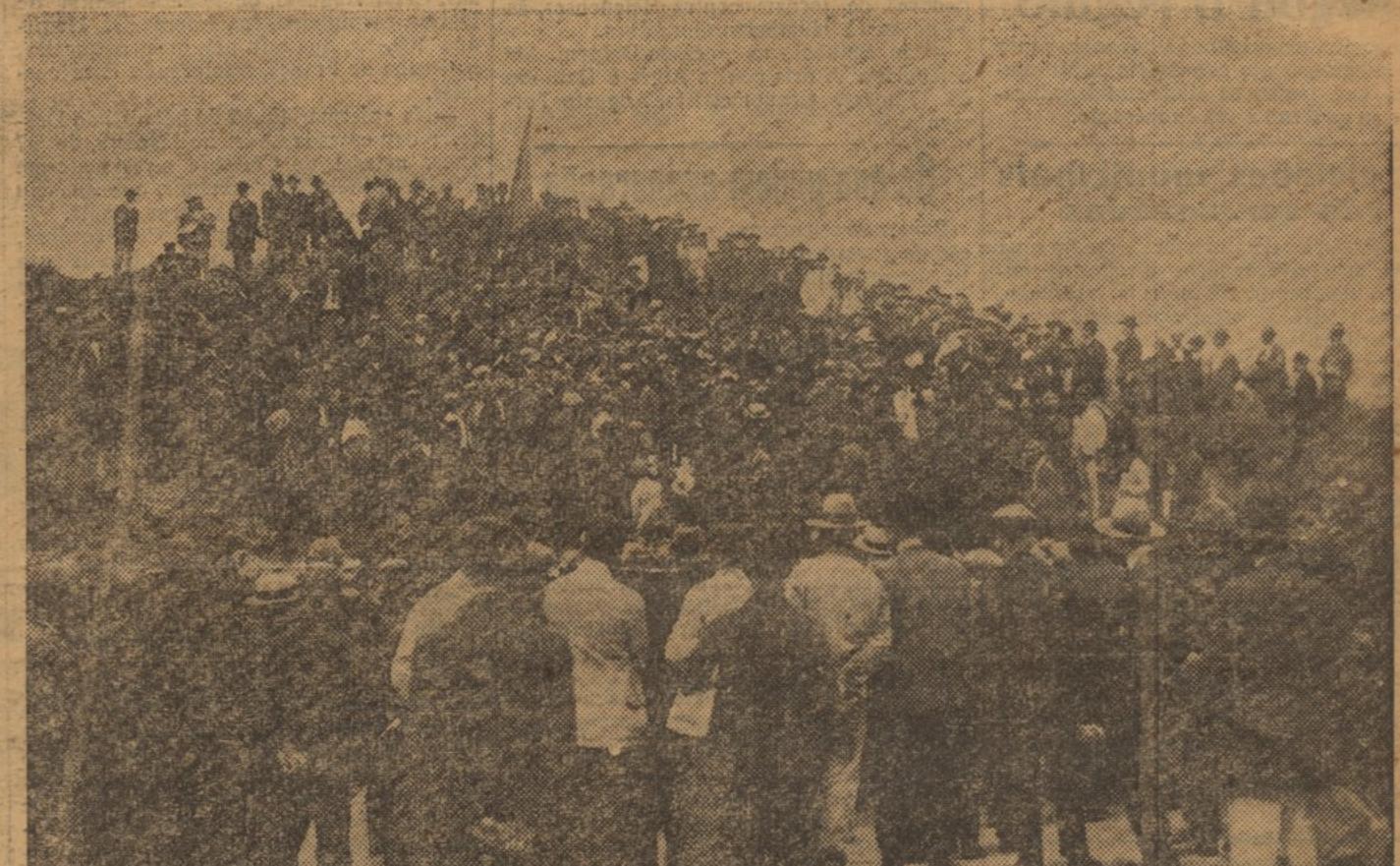
Recordou a tentativa feita pela situação de Sidónio Pais com a constituição do Senado com a representação por classes, salientando que só classes eminentemente conservadoras e vivendo do Estado, como a do funcionalismo público, se prestaram a essa

da visita das pessoas de família aos presos

actual momento apresentou a seguinte moção que foi aprovada:

— Considerando que o movimento insurreccional que triunfou há dias no nosso país, não reveste simplesmente o carácter de luta contra a ação nefasta dos partidos políticos burgueses;

Considerando que o espírito que anima uma grande parte, senão a maior parte dos



Um aspecto da multidão

sociais e da questão dos presos e dos deportados sem culpa formada. Como não conseguisse naquela ocasião falar com o referido ministro, dirigiu-se ao general Gomes da Costa e a Mendes Cabecadas que lhes declararam que justiça seria feita.

Emídio Santana, em nome da Federação das Juventudes Sindicalistas, definiu a posição do organismo que representava, impondo acréscimo de todas as violências e de todas as ditaduras, seja qual for a etiqueta

que intervieram nesse movimento é um espírito retrógrado, acentuadamente reaccionário, visando a destruição de todas as liberdades tão penosamente adquiridas;

Considerando que a reacção militarista que vai desencadear-se sobre o povo por

micio decorreu e terminou em completo sôssegoo.

Durante o dia de ontem foi distribuído de automóvel, por todos os pontos da cidade, um manifesto convidando o proletariado a comparecer no comício.

Deixe-se estar...

PARIS, 9. — O *Petit Parisien* diz que o sr. Raoul Peret, ministro das Finanças, desmentiu os boatos correntes sobre a sua demissão. — (L.)

É absolvido... um condenado

PARIS, 9. — O Tribunal Correccional absolveu o pintor suíço Hans Bosnard, que havia sido condenado em 1923 a deportação, na questão Ernest Judet, antigo director do *Éclair*.

Perseguições a deportados italianos

ROMA, 9. — Pelo procurador geral da justiça foi pedido ao parlamento que sejam levantadas as imunidades ao deputado Zaniboni e a outros parlamentares acusados de conspirarem contra a segurança do estado e de implicados no atentado contra a vida de Mussolini. — (L.)

A política francesa

PARIS, 9. — Os jornais falam na possibilidade dum renúncia do actual gabinete do sr. Briand, ao qual se sucederá um ministro de concentração nacional. — (L.)

rios do Estado estão dependentes do ministério do Comércio. Logo o ministério da Guerra não tem com aqueles serviços. A não ser que, por obra e graça do general Gomes da Costa, os Caminhos de Ferro do Estado estejam militarizados sem nenhuma declaração de termos dado por tal. Sera por isso que o edifício da Direcção do Sul e Sueste continua ocupado militarmente?

Os deputados franceses irão para a greve?

PARIS, 9. — No decurso da sessão de ontem voltou à discussão o aumento do subsídio parlamentar, cujo adiamento a Câmara rejeitou por 247 contra 243 votos, em consequência do projecto comportar um aumento bastante sensível, visto o subsídio ser aumentado de 27.000 para 42.000 francos. A Câmara começou, pois, a discussão do aumento do subsídio parlamentar, e o projecto foi rejeitado na generalidade por 150 contra 128 votos. Considera-se, geralmente, que o momento não é oportuno para este aumento. — (L.)

Sintomático

Como noutro lugar noticiamos, tomaram ontem posse o novo administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado e os novos director e sub-director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. A posse, contra a expectativa geral, foi dada pelo sr. Raoul Esteves, director da Direcção Geral de Transportes. Não compreendemos esta inversão de atribuições. Os serviços ferroviários

Manuel Alves Nogueira, Alberto de Assunção Alves, Ivo de Monforte, José Ravisco Pais, Mantel da Conceição, Afonso, Sául Correia A. Figanier, Joel da Silva Salgado, António Filipe da Silva, Afonso Alves Nogueira, António da Costa Júnior, Edmundo Tavares, Eduardo Jorge, Arnaldo Cristó, António Santos, Augusto Sousa, Joaquim Madeira, Gastão Martinho, Manuel Maria de Sousa, Saraiva de Aguiar Lopes, D. Maria Bárbara Ferreira de Matos, D. Guilhermina Pereira, D. Carolina de Oliveira, D. Mary Wanchoi Aranjo, D. Henrima dos Santos, D. Maria de Freitas, D. Rosa Marques Pereira, D. Maria da Conceição, D. Laura Canha.

Fizeram-se representar no funeral:

Sociedade Esperantista "Nova Vojos", a comissão central do Sanatório dos Empregados no Comércio, a União Anarquista, a Caixa de Previdência e o Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa, o pessoal da Batalha, o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, e pessoal da Fábrica de Cerveja da Trindade, por seis empregados.

## Banhos às crianças

Do próximo dia 14 até 28 tomam banho na colónia balnear da Cruz Quebrada o 1.º turno de crianças que, como dissemos, serão acompanhadas por professores, e além de fatos receberão uma refeição todos os dias e aos domingos duas. O transporte da pelada é feito em carros eléctricos fornecidos pela Câmara. Para conhecimento dos interessados devemos noticiar os locais onde as crianças das escolas adianta indicadas devem, às 8,30 horas, aguardar os eléctricos: Escola 7; e a do Centro Magalhães de Lima, nos Caminhos de Ferro; escola 51 e Centro Escolar Dr. Alexandre Braga, na Ribeira Velha; números 30, 34, 5 e Secção de Palma em São Sebastião da Pedreira; escolas 22, 2 e 18, no Conde Barão; escola 13, Pinto de Almeida e Associação Escolar de Ensino Liberal nas Amoreiras e Centro Bento Machado e escola da Voz do Operário, 58, 25, 26 e 34, em Alcântara.

## Grandes inundações

BUCAREST, 9.—Continuam as inundações tendo ficado destruída uma ponte e algumas centenas de metros de via férrea, registando-se também algumas vítimas. (L.)

## Rendimentos dos operários

Na calçada da Boa Hora, 56, a Belém, existe uma fábrica de trapos pertencente a Francisco Roque da Costa Junior, na qual se empregam vários operários, entre eles, Ernesto Ferreira, de 16 anos, filho de Carlos Augusto Ferreira, e de Delfina Ferreira, natural de Lisboa e residente na rua dos Quelhas, 34, cave, o qual é encarregado de trabalhar com uma máquina que ali existe. Montem, de manhã, encontrava-se o Ernesto a olhar a referida máquina quando, subitamente, foi envolvido e arrastado pelo respectivo veio que o obrigou a encostar o corpo a um cano com água fervente, resultando o pobre operário ficar muito queimado e com ambas as pernas fracturadas, sendo uma das fracturas com complicação de ferida. Reclamados os socorros para a Cruz Vermelha, foi o ferido transportado ao Hospital de S. José, em cujo Banco foi operado pelos drs. Alberto Mac Bride, Renato d'Arraio e Quintela, recolhendo em seguida à sala de Observações, sendo grave o seu estado.

## Chegou o régulo

Chegou ontem a Lisboa a bordo do vapor "São Miguel", o alto comissário de Moçambique, que pedira da Madeira telegórica mente ao governo a sua exoneração.

## As eleições municipais vão ser sustadas

A secretaria do Interior expediu uma circular aos governadores civis, determinando o adiamento, até ulterior resolução, de todas as eleições municipais, que já estavam ordenadas.

## A NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada "Pigmalian", de Federico Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## Um protesto contra o ensino religioso nas escolas

A "Liga de Ação Educativa", secção de Lisboa, tendo tido conhecimento de que se pretende instituir o ensino religioso nas escolas, resolveu lavrar o seu protesto contra esse facto, levando esse protesto junto da comissão executiva para que, apoiando-o, lhe de seguimento junto dos poderes públicos.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Guiné" são hoje expedidas malas postais para Cabo Verde, Bissau, Bolama e São Tomé.

Da estação central dos correios a última tiragem de correspondências ordinárias efectua-se às 13 horas e para a registada recebem-se até às 11 horas.

## Ecos da greve ferroviária de Lourenço Marques

Ontem à noite, recebemos o seguinte telegrama:

LOURENÇO MARQUES, 9.—Na primeira reunião dos ferroviários realizada depois da terminação da greve foi aprovada uma saída à Batalha, pela brillante defesa da nossa causa, pedindo ao mesmo tempo que o orgão operário continue pugnando pelas nossas pretensões que são a reintegração de todo o pessoal demitido e amnistia aos casos de imprensa. — A Associação.

TEATRO AVENIDA Telef.: N. 4356  
HOJE-R\$ 21,50  
ÚLTIMAS representações do

PÃO DE LÓ  
Sexta-Feira, 11—Época de Verão  
COMPANHIA SATANAS-AMARANTE

O Dr. da Mula Ruça  
"Vaudelle" de E. Rodrigues, F. Bermudes e Joao Bastos, música de Venceslau Pinho

## DESPORTOS

Sempre se realizam hoje, no Campo Grande, os jogos Benfica-Carcavelinhos e Sporting-Vitória

Recebemos a seguinte carta:

Acaba de ser proibida aos presos a visita diária de suas famílias, por despacho do novo ministro da Justiça.

O novo governo inicia as suas perseguições sobre algumas centenas de infelizes, impedidos de se defenderem em virtude de se encontrarem enclausurados.

Há mais de quarenta anos que nas cadeias civis de Lisboa é permitida a visita diária aos presos, acaba de não lo afirmar o sr. Prezado, o funcionário mais antigo destas cadeias. E é agora num regime que se diz liberal que se coarta esta tão justa regalia!

Não basta isso para satisfazer a sociedade agrada?

É necessário então ferir os pobres presos que são tém de mais caro, nos seus sentimentos afectivos?

E' necessário retirar-lhes a visita diária dos seus entes queridos, só a permitindo de oito em oito dias num acanhado patrótio para que a sociedade se satisfaça?

Mas, tal medida é absolutamente anti-human!

A proibição agora feita há muito que estava preparada.

Há aproximadamente dois meses, quando era ministro da Justiça o sr. Catano de Menezes, foi-lhe apresentada uma proposta de oito em oito dias num acanhado patrótio para que a sociedade se satisfaça?

Quere uma República liberal e livre de preconceitos.

Evidentemente que uma República só pode ser liberal quando livre de preconceitos.

Mas então o ensino religioso nas escolas não será um preconceito?

A personalidade jurídica da igreja não será um érro que redunda num retrocesso para a República liberal que o general pretende?

Não pretendem levantar uma campanha contra tal declaração, mas sim mostrar ao sr. Gomes da Costa que não convenceu o operariado com a sua promessa, porque este não vive só de pão, vive também dum sistema progressivo que lhe garanta o seu bem estar, e uma vez um membro do Centro Católico no poder, a personalidade jurídica da igreja e o ensino religioso nas escolas serão um facto consumado para a Companhia do chapéu de telha conquistar os Corpos Administrativos e o governo da Nação.

As poucas liberdades que as classes trabalhadoras conquistaram serão confiscadas e estaremos novamente entre grilhetas e convenções.

A quem pedir responsabilidades?

Aos políticos de *fina estofo* que têm levado o país a esta desgraça com a sua política de campanário; e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que é esse pessoal se limita a dos empregados, dos quais um tem o vencimento diário de 1400 e o outro de 1100;

Considerando que a despesa resultante dos pagamentos a esse pessoal é largamente compensado pelas receitas provenientes dos ditos Mercados e que passaram a ser arrecadadas pela Câmara;

Considerando, finalmente, que a Câmara, pela missão que tem de zelar pelos seus munícipes, não deve cometer actos de desumanidade que outra coisa não seria o lançar na *chomage* empregados que contam mais de 30 e 40 anos de serviço nos estabelecimentos que agora passam a ser municipais, proponho: que os antigos empregados dos Mercados de S. Bento e de Santa Clara, Manuel Joaquim das Neves e Manuel Caetano Soares, passem para o serviço da Câmara, continuando a exercer os lugares que tinham nos ditos Mercados e os vencimentos que percebiam.

Esses vencimentos são os seguintes:

Manuel Joaquim das Neves, 1400; diários; Manuel Caetano Soares, 1100.

Considerando que os presentes se dirigem para os paços do concelho, no intuito de assistirem à sessão sozinhos.

Abruiu a sessão, com um discurso ininteligível o sr. dr. Ferreira Custódio. Também falou o sr. Carlos de Oliveira, que disse ter geito para falar em sessões solenes, e fez uma larga explanação sobre a electricidade e suas aplicações. Depois, mais discursos de um correspondente do Século e do sr. Jaime Coutinho.

Em seguida todos os presentes se dirigiram para os paços do concelho, no intuito de assistirem à sessão sozinhos.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

Estes são os políticos de meia tijela.

Considerando que a desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras aveludadas de um qualquer António Maria.

## MARCO POSTAL

Couço—João Barreto—Recebemos esc. 19500. Assinatura paga até 30 do corrente.  
Pocinho—José Augusto Ferreira—Recebemos 19500. Assinatura paga até 31 de maio p. d.  
Ciboro—Associação dos Rurais—Recebemos 9500. Assinatura paga até 24 do mês corrente.  
Torres Novas—F. Bretes—Estão à vossa ordem os 10500.

## AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	0	3	20	27	HOJE O SOL
S.	7	4	21	28	Aparece às 5,11
T.	1	8	15	22	Desaparece às 20,0
Q.	2	9	16	23	30
S.	3	10	17	24	1. G. dia 27 às 11,49
					Q.M. 5 3,15
					L.M. 11 22,55
					Q.C. 19 17,48

MARES DE HOJE

Fraijam às 2,43 e às 3,03

Eaixam às 8,13 e às 8,33

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	299	
Paris, cheque	600	
Suíça	378,5	
Bruxelas cheque	61	
New-York	1955	
Amsterdão	580	
Itália, cheque	373	
Brasil	3905	
Praga	588	
Suécia, cheque	524	
Austrália, cheque	277	
Berlim	467	

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Teatro—N.º 21, 30—A Rosa do Adriano—Teatro—A. 21, 24—O Antepassado—Cinemas—A. 21, 24—O celebre Pina—Teatro—A. 21, 24—O São António—Trindade—N.º 21, 30—O homem das 5 horas—Cine—A. 20, 24, 22, 25—Fox Trot—Coliseu dos Recreios—A. 21, 24—Luta—Teatro—A. 21, 24—O Pão de Bala—Cinema—A. 21, 24—Variedades—Cine—A. 21, 24—Especiais—Cine—A. 21, 24—Salões e domingos com matinées—Lendas Parcys—10as as noites—Concertos—diversos—CINEMAS

Tivoli—Olympia—Central—Cedros—Chiado—Tarsis—Ideal—Arco Panteira—Promotora—Esperança—Teatro—Cine—Paris.

## CONSELHO TÉCNICO

## DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de salas, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:  
Calçada do Combro, 38-B, 2.

PEDRAS "METAL AUR" PARA ISQUEIROS VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Duzia \$40,100, 2580\$ mil, 25\$00 Pedra grande, duzia, \$80

ESTOFADOR

Precisa-se para a província. Trata-se na rua da Bombarda, n.º 25

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigido ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registrado, \$50. Pedidos à administração de A Batalha.

10-6-1926  
Está caixa, cheia de pólvora e sólidamente fechada e ligada, era atravessada no centro por uma pequena abertura que dava passagem a uma mecha de enxofre.

O sapador pegou na temível arma, de que se tinha munido para qualquer eventualidade, examina atentamente a construção da porta, e após um momento de reflexão, coloca, não sem custo, a caixa de ferro junto à porta, no chão, e diz baixinho ao aprendiz, dando-lhe amigavelmente uma leve pancadinha na face:

— Sabes para que é que eu ponho assim aqui esta máquininha?

— E' para que ela, quando rebentar, faça ir pelos ares a porta, que arrastará consigo uma parte da muralha e do tecto. Ora tudo isto, caindo sobre as cabeças dos senhores gulosos de missas, já molestados pelos estilhaços de ferro da própria máquina infernal, que se espalhariam para todos os lados...

— Muito bem! interrompeu o sapador pegando levemente na orelha do pequeno, com ar de satisfação. E' isso mesmo! Aproveita assim as minhas lições, e virás a ser um bom mineiro, um bom sapador, e assim ajudarás a dar cabo de muitos realistas e de muitos pâstas... Agora vai-te embora. Desce a escada subterrânea e espera por mim no último degrau.

O pequeno obedeceu. O sapador ajoelhou à entrada da porta, pegou numa pouca de pólvora, de que dei-ou no chão uma quantidade suficiente para cobrir o rasilião, e depois, recuando de joelhos, foi desenrolando a mecha, passando ao pé do cadáver de frei Hervé, até chegar ao alçapão, pelo qual entrou, desendo alguns degraus da escada, até ficar só com a cabeça de fora. Escutando então, e ouvindo falar no corredor, murmurou:

— Os católicos estão já a tagarelar lá fora, mas eu ainda tenho tempo de fazer o sinal do meu vigessimo quinto frade.

E' pegando no pausinho de que já falámos, deu-lhe com a adaga um golpe, enquanto ia dizendo consigo:

— Héia, a filha de minha irmã, foi mergulhada



## FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos a por medida

batimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando Nar-

tílio—A. 5 horas.

Cirurgia operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10

horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—11, e às

5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. Loff-

2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Gurgânia, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—

12 horas.

Estômagos e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 ho-

ras.

Doenças das mulheres—Dr. Emílio Pinto—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-

ras.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5

horas.

Borboletas—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raio X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

Cine—A. 21, 24—Foot-Ball.

Cinema—A. 21, 24—Variedades.

Cine—A. 21, 24—Foot-Ball.

Cine—A. 21,

# A BATALHA

ATRAVEZ DE ÁFRICA

Os militantes operários devem seguir atentamente a biografia de Bakunine, cuja publicação A BATALHA inicia àmanhã.

## Agravíssima situação económica de Angola

Sonhos de grandeza que desabam como castelos da cartas — O delírio da riqueza gerando a especulação, o martírio da vida cara, desemprego e fome — Asfixia do comércio, desvalorização da moeda, paralisação industrial — Uma colónia crucificada!

## Mas a província possui enormes recursos para rapidamente se salvar com novos processos de economia e administração competente

Logo que qualquer pessoa desembarca em Loanda ou em qualquer outra terra de Angola, o eco de todas as conversações, que logo enche os seus ouvidos, referir-se-há, inevitavelmente, numa obsessão lastimosa e doentia, à pavorosa crise económica que assola a província de Angola, e que a toda a gente interessa, especialmente aos mais falhos de recursos.

Mas, tal o aspecto agudo da crise que, dir-se-ia, os faltos de recursos são toda a gente; porque, de facto, sem exceção, toda a gente, desde as massas trabalhadoras e pequeno funcionalismo até às grandes empresas agrícolas ou comerciais, se queixa, protesta e reclama contra tal situação astiante que tem implicado os maiores sacrifícios, provocando derrocada que já está atingindo justos e pecadores e acabará por ser estrondosa, arrastando miseravelmente nome e interesses portugueses nas praças estrangeiras.

Verificado que não há nestas impressões o menor exagero, porque, efectivamente, a crise é bastante grave, surge, imediatamente, o seguinte comentário: — Como foi possível aos governos da metrópole aíharem-se, até este ponto, do problema de Angola, colaborando, estupidamente, com a sua inéria, numa situação que é de profundo sacrifício para os 40.000 portugueses europeus que aqui residem, e que, ao mesmo tempo, pode ser a pior, a mais terrível prova de incompetência em administração colonial, prova de que diversos inimigos externos podem lançar mão?

Só uma absoluta falta de visão e competência, aliadas a essa inferior política de corrijo e intriga, que não concede tempo aos problemas sérios, à administração de continuidade, poderão justificar tamanho crime!

Em bem sei que se a minha prosa for lida por certa fauna de super-homens, parvos fantásticamente guindados a lugares de culminância, repletos de ignorância e contumaz digestões, elas não de sorri, misericordiosamente, do meu pessimismo. Angola fica bastante longe! A enorme distância pode adorar o tom amargo das reclamações e abafar o estrondo do catástrofe.

Todavia o mal existe; a crise é tremenda; e se os homens sãos e conscientes do país podessem ver, como eu tenho visto, as dificuldades, em que toda esta gente se debate; os esforços heroicos que empregam, os expedientes a que já recorrem para se poderem salvar e resistir; se podessem observar, como em tenho observado, os sacrifícios, as privações, a crise do desemprego com a contingência da fome, o ruir de pequenas e grandes empresas erguidas com imensas dificuldades em pleno serão; o desabar de todo um plano de trabalho cujos escombros, necessariamente, nem só impedem o desenvolvimento da riqueza pública e particular, como atrasam toda a marcha progressiva; se os homens bem intencionados do país, através da distância enorme, podessem avaliar tudo isto, e vissem, como em estou vendo e ouvindo por toda a parte, figuras tristes, desalentadas, sombrias, dia e noite sempre a tanger o tema das suas dificuldades favoráveis, mas, a pesar de tudo, amando, apaixonadamente, o nome de Portugal — necessariamente esses homens se levantariam a protestar contra as deficiências da ação governativa, mas num protesto que fosse prático, e que pouparia maiores remorsos nos homens do governo.

### Os interesses dos banqueiros sobrejavam os interesses da colónia

A situação é tremenda; não há numérico para as mais insignificantes transacções; não há as mais rudimentares operações de crédito ou desconto comercial, mesmo que o indivíduo tenha responsabilidade; a moeda corrente são títulos a cobrar do Estado, vales de particulares e permuta de mercadorias; os que precisam transferir alguns centenares ou milhares de escudos em notas angolanas, para acudir a pagamentos urgentes na metrópole, como pensões de família e outros encargos de gravidade, mesmo com taxa elevada de desconto, raro conseguem transferência — emfim, o pior do pior.

Toda esta situação vai minando a saúde física e moral do português aqui residente, ao mesmo tempo que abate e diminui o seu prestígio junto do indígena que, nitidamente, já percebe o sentido prático destas dificuldades económicas e financeiras, e sente, mesmo directamente, as nossas faltas de dinheiro nas suas transacções agrícolas ou comerciais.

Fica completo este quadro se dissermos que os nossos vizinhos do Congo Belga, da África do Sul, do Barotze e os próprios alemães e italianos que já residem em Angola, não perdem um pormenor do que vai para a nossa casa, fazendo a sua política indígena, e tendo em dia os seus relatórios secretos, certamente bem curiosos...

Contudo, tinha sido bem fácil evitá-lo que se chegasse a este extremo, porque há três anos que dura tal situação! Há três anos que Angola reclama a valorização da sua moeda, a regularização de cambiais, a normalização do regime de transferências que lhe permite transaccional regularmente, com Portugal e com o resto do mundo. E governos metropolitanos, sempre adiando, ou desatendendo, tornaram complicadíssima a solução dum problema fácil de abordar quando surgiram as primeiras dificuldades.

E, sejam quais forem as causas e os culpados, o que não podia era arrastar-se tal situação, absolutamente atentatória contra elementares princípios de colonização e de fomento colonial.

Por mais respeito que possam merecer os interesses dum Banco, estes nunca podem, nem devem, protelar os interesses de

qualquer colónia, já que, tratando-se dumha província tão vasta e importante como Angola, onde labutam cerca de 5 milhões de indígenas e 40 mil europeus — onde, a pesar de todos os sacrifícios e crises, há um espantoso movimento comercial representado por 609.013.740\$00, suficiente indicação das riquezas que existem aproveitadas e por aproveitar.

Há três anos que esta província brada e reclama, galopando para o abismo, lançando mão de todos os recursos e expedientes, avolumando os próprios erros para retardar a queda, sem que os governantes da metrópole se dignem encarar a situação com a devida compostura e gravidade — não se lembrando, sequer, que a grande maioria é de gente pobre e que o seu sacrifício é de gente pobre e que o seu sacrifício anônimo, alheio a quaisquer especulações, tem sido a melhor garantia do domínio e colonização portuguesa!

Espectáculo desanimador que aumenta de tristeza quando o cotejamos com o que se passa na vizinha África do Sul, onde o movimento comercial é aproximado a 100 milhões de libras, importando-se apenas trigo, e com uma produção industrial, em mais de 8.500 fábricas, calculada em mais de 80 milhões de libras.

No vinhoso e também vizinho Congo Belga, vai um assombroso movimento de expansão comercial e agrícola, com todas as facilidades e auxílios por parte do Estado, com liberdade bancária, moeda valorizada, e tal proteção ao colono que até já foram inauguradas carreiras de navegação aérea para passageiros e mercadorias.

Angola, muito mais velha, com um colono sofredor e resistente, capaz de todos os sacrifícios, continua na rectangulada...

### A colónia tem vivido de recursos de ocasião

#### História da crise em Angola?

No fundo as mesmas causas que determinaram a crise em Portugal, e em todo o mundo agravadas com as peripécias e aventuras do fim da guerra. Pelo que respeita a Angola, um maior deficit de produção industrial e agrícola; ausência de medidas de fomento que valorissem o riquíssimo solo; e falta de competência e continuidade administrativa.

Norton de Matos, querendo dar, rapidamente, à província um impulso que as suas disponibilidades financeiras não comportavam, supôs necessário a criação dumha burocracia enorme, importou grossos materiais, aleiou a esfera representativa e alargou (aqui muito acertadamente) a ação de alguns serviços técnicos; porém, tudo isto importou enormes encargos para a província e ainda onerou, consideravelmente, no capítulo de importações, agravando o desequilíbrio da balança comercial. Como não podia haver, imediatamente, em contra-partida, os benefícios resultantes de fomento, e como falhasssem os empréstimos em ouro que o primeiro Alto Comissário supunha poder realizar no estrangeiro, o governo teve de mandar, as praias de Angola e colônias próximas, adquirir cambais, vendendo-se, e forçado a criar uma concorrência que prejudicava o comércio, necessitando dessas cambais, e a estimular uma especulação de nefastas consequências.

Todo este princípio de ruína, que não passou despercebido aos mais perspicazes, se doírou com o falso ouro dos falsos lucros e as primeiras dificuldades foram agravadas nesse mar de notas de inflação fiduciária e do empréstimo, aproximadamente de 120.000 contos, conseguido no Ultramarino. E tudo isto, que não era mais do que o início da tragédia, com a fatalíssima desvalorização do escudo, deu à pessoas inesperadas a sensação de grandeza aturdidora, gerando aventuras perigosas, delírios e riqueza, a aquisição de magníficos automóveis, os jantares e passeatas, os passeios à metrópole, gastando-se dinheiro à doída, em camarotes de luxo — emfim, toda uma vida artificiosa, de riqueza falsa, que outra coisa não era senão a facilidade de adquirir notas, improvização dumha riqueza que não correspondia a qualquer esforço intelectual, trabalho ordenado, ou obra de fomento, e que apenas rezumava isto: a queda estrondosa do escudo!

Uma boa porção do empréstimo do Ultramarino não pôde ser aplicado como se projectara, em obras de fomento, e apenas fomentou esta desordem económica para que diversas contingências arrastavam o próprio governo da província. Uma boa parte de indivíduos com opiniões profissionais, ou que tinham vindo para pequenas indústrias ou agricultura e até para o funcionalismo, deixaram-se seduzir pela miragem da riqueza mágica, e metiam-se no comércio, movimentando, com a maior facilidade, muitos contos de reis! Quando a libra chegou em Portugal a 160\$00, chegou aqui a adquirir-se a 300\$00 e mais; aceitavam-se letras, de quantias fabulosas, com a maior facilidade, e corriam de mão em mão os saques com dezenas de endossos escritos em longas tiras de papel, que chegaram a ter mais de um metro, adicionadas as lettras. Até alguns dos colones velhos e prudentes, dos comerciantes práticos que nada tinham com tais aventuras, foram também atingidos, por reflexo, devido à criminosa concorrência comercial que se desencadeou, e só quando a vida encareceu brutalmente e chegou a derafeira liquidação de compromissos, é que a maior parte verificou que estava mais pobre do que antes de ter tantos milhares de escudos... sem valor.

Nesta altura precisava-se, naturalmente, um administrador forte que, fazendo dos erros a melhor experiência, enfrentasse a situação. Mas Norton de Matos caiu pouco afiamente, e com a sua queda arrastava

o Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Almada, tomando conhecimento de uma notícia inserida em A Batalha com a epígrafe «Desmascarando um traidor», torna público o seguinte: Que todo nomeado uma comissão para se entender com os industriais acerca das soldados do país, que se trouxe traidores, neste movimento, foram todos os camaradas que compõem este sindicato — e o visado na mesma notícia, o qual se manteve sempre solidário com toda a classe. — O Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Almada.

Diz a mesma notícia que o principal traidor foi o camarada Manuel Silva. Informamos, porém, para conhecimento da classe dos soldados do país, que se trouxe traidores, neste movimento, foram todos os camaradas que compõem este sindicato — e o visado na mesma notícia, o qual se manteve sempre solidário com toda a classe. — O Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Almada.

Novos diplomas da pasta da Justiça

O ministro da Justiça vai publicar um

decreto, permitindo o casamento das maiores de 14 anos, que se encontram em

determinadas condições. Também vai publicar um diploma regulamentando as nomeações dos delegados do ministério público,

conservadores do registo predial, notários,

contadores e escrivães de direito. Segundo

o regulamento para as nomeações ter-se-hão

em vista, principalmente, as classificações

obtidas em concurso.

## AS GREVES

Têxteis da casa Meireles & Nogueira

.....

O Conselho Técnico dos Operários Teceiros de Sêda mandou editar um manifesto elucidativo sobre a greve dos operários da Casa Meireles & Nogueira, do qual transcrevemos alguns trechos:

“Há mais de trinta dias que um grave litígio se está travando entre trabalhadores e patrões, isto é, há cinco semanas que os operários da firma Meireles & Nogueira, da rua Duque de Loulé, fazem ouvir a sua voz contra as prepotências daquelas indústrias, neste momento armados em verdugos dos seus assalariados.

.....

A firma Meireles & Nogueira, fez substituir os teares manuais por teares mecânicos.

Mas não suponha o público que tal substituição obedecia ao desejo de poupar, por esse facto, o esforço físico dos seus assalariados, o que, a dar-se, seria de todo o ponto justo e altamente humano.

Não; os fins a que obedecem a substituição dumas teares por outros, foi porque os mecanicos pode empregar-se mulheres; e estas, dada a sua índole própria, com facilidade se sujeitam a salários mais baixos.

.....

Já em tempo oportuno a classe fez ver aos senhores industriais que os viriam prejudicar altamente a situação dos seus componentes, pois que arrastaria os trabalhadores para a miséria. Mas a nada acederam, pois pouco lhes importa o prejuízo de centenas de operários.

Foi por este motivo que os operários da firma Meireles & Nogueira abandonaram trabalho, para defenderem os seus interesses neste momento tão ameaçados.

Não são os trabalhadores contrários à introdução, na indústria, dos teares mecânicos. Eles vêm, nisto, até uma manifestação do progresso humano. O que eles não querem é que por esse processo os senhores industriais se sirvam desses maquinismos para prejudicarem centenas de trabalhadores e causarem a ruína dumha classe. E por isso os operários agora em luta apelam para todos os trabalhadores a-fim-de que sejam juízes imparciais nessa santa cruzada de reivindicações proletarianas, pois a ser perdida a nossa causa, isso será o mal que refletir-se-á em toda a organização operária.

.....

Para que a classe e o público os fiquem conhecendo, damos hoje à estampa os seus nomes que devem ficar gravados na história dos trabalhadores como os mais hediondos e perigosos falsários que nas lutas proletárias têm aparecido.

Eis os nomes dos vendidos, nomes tão negros como negra é a sua traição.

José de Jesus, rua da Torrinha, 253, c. 2; Crispim Ferreira, travessa dos Campos, 409;

Angelino Vieira, rua Fernão de Magalhães, 112;

Alfredo Cruz, rua Heróis de Chaves, 786, c. 4;

José Nunes, Rua, Santo Isidro, 94, c. 4;

Belmiro Moreira, praça Mousinho de Albuquerque, Bairro Bom Sucesso, 29.

O quinto, a quando do aniversário da filha do sr. António Nogueira, teve a pouca vergonha de pedir a benção ao seu patrício, que lhe respondeu cumprimentar, sim, benção não!

.....

São estes os falsários os relações, de quem, os trabalhadores devem desvirar-se como seres perigosos ou inuteis.

E agora que está exposta a causa da nossa luta, e neste momento em que a nossa classe, aparte as repelentes criaturas apontadas, tão bem tem sabido conduzir-se, esperamos que a classe saiba honrar o seu nome afirmando bem alto o seu incontestável direito à vida, e mantendo-se sempre unidos para que os industriais, os nossos verdadeiros, não levem por diante os seus criminosos intentos.

Porque, camaradas, os nossos inimigos nos sentem enfraquecer neste ardorosa peleja, amanhã todas as nossas conquistas nos serão cerceadas, e o-pão dos nossos filhos escasseia nos nossos lares. E então o ferrete ignominioso de traidores deverá ser cingido na nossa fronte.

.....

### CONFÉRENCIAS

#### “Comentários à volta do movimento camilianista”

O aluno da Faculdade de Letras sr. Adolfo Faria de Castro realiza amanhã à noite, na Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sobre o tema “Comentários à volta do movimento camilianista”.

.....

Uma conferência com o presidente

do Ministério

Com o presidente do Ministério, comandante Mendes Cabeçadas, conferiu ontem, às 15 horas, a comissão delegada dos ferroviários do Sul e Sueste a quem oficialmente entregou as reclamações que o comité revolucionário aceitou antes da eclosão do movimento.

O presidente do Ministério fez declarações à comissão que vão ser transmitidas ao pessoal ferroviário na assembleia que amanhã, às 21 horas, reúne na Casa dos Ferroviários, no Barreiro.

.....

Tomaram ontem posse o administrador

geral e o director e sub-director

do Sul e Sueste

.....

Em virtude do afastamento dos srs. Pinto Teixeira, Plínio da Silva e José de Jesus

presos a quantia de 174570, importância

que esta sessão será iniciado o ar-

enal aberto a quem sejam os assuntos

de discussão.

.....